

EDITORIAL**ADOLESCÊNCIA: UMA VISÃO CALEIDOSCÓPICA****Candido Alberto Gomes**

clgomes@terra.com.br

Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade e do Programa de Mestrado e
Doutorado em Educação da Universidade Católica de Brasília**Kátia Cristina Tarouquella Rodrigues Brasil**

katia@ucb.br

Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade e do Programa de Mestrado e
Doutorado em Educação da Universidade Católica de Brasília**Sandra Francesca Conte de Almeida**

sandraf@pos.ucb.br

Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade e do Programa de Mestrado e
Doutorado em Educação da Universidade Católica de Brasília

Em prosseguimento ao número 25 de *Interações*, movemos o caleidoscópio com o objetivo de iluminar mais algumas faces da adolescência, de modo a aumentar a compreensão do público acadêmico, notadamente os educadores. Graças à abundante e generosa resposta de colegas de vários países à chamada de trabalhos, aprofundamos mais alguns aspectos desta realidade. Para facilitar o leitor, alinhamos as incursões das pesquisas em vários blocos, unidos por denominadores relativamente comuns.

Assim, o primeiro grupo de artigos se reúne em torno da violência. Chagnon, inicialmente, trata da difícil passagem da adolescência à idade adulta, analisando uma situação de insucesso que resultou em violência extrema: o caso clínico de um jovem assassino. Quentric e Marty, em prosseguimento, abordam o abuso sexual de crianças por adolescentes como recurso defensivo contra o traumatismo pubertário. Caminhando para outros horizontes, Ganem tematiza o impacto da escravatura nas práticas educativas em Guadalupe. Nessa realidade, tão presente no passado histórico luso-brasileiro, se descerram as linhas de cor, gênero e idade em que se exerce a violência educativa e social, de modo a “preparar” crianças e adolescentes para os seus papéis de adultos.



Adiante, ainda em torno do denominador comum da violência, Serrão e Santana relatam pesquisa sobre as tribos urbanas dos *emos*. Constituindo os adolescentes um grande grupo na sociedade, dentro dele se diferenciam minorias específicas, com frequência alvos de atos violentos. Retomando as linhas da cor da pele, Lima e Sousa discutem as relações étnico-raciais em escolas brasileiras, mais uma vez situando a herança da escravatura. Por seu lado, Gregório e Amparo desvelam a realidade de adolescentes em situação de internação, de liberdade assistida e semiliberdade, constatando que a violência por eles protagonizada revela, principalmente, sua forma de defesa perante uma vivência de traumatismos e angústias. Afinal, encerrando este bloco de artigos, Koehler relata investigação sobre a homofobia e a desinformação social. Os resultados mostram o quanto a compreensão da sociedade e dos educadores precisa mudar.

O segundo bloco de artigos volta-se para as tecnologias da informação e comunicação, tão pujantes neste século XXI e tão relacionadas à adolescência e a juventude, em sua busca de protagonismo. Esquinsani e Esquinsani abrem esta parte analisando como a lente da mídia vê a adolescência no Brasil. Como organizadora de pautas sociais, realça mais certos aspectos (dentre eles a violência), enquanto oculta outros. Por sua vez, Miranda e colaboradores lançam luz sobre o consumo e a produção de mídia pelos adolescentes numa grande cidade do Nordeste brasileiro. Os resultados revelam que o acesso é amplo, porém a escola ainda se situa em posição periférica. Por seu lado, Ferreira e Vilarinho adentram as práticas de adolescentes na cibercultura, por meio de uma etnografia virtual. Os territórios digitais se caracterizam como expansão do espaço escolar que, entretanto, a própria escola precisa reconhecer. Também Coutinho faz ingressa na realidade da escola, revelando as tensas relações sociais entre alunos, entre professores e entre professores e alunos. Com base nos resultados, reflete sobre o estatuto da palavra nos laços sociais e nos laços estabelecidos pelos adolescentes.

O terceiro bloco se fixa em processos comuns da adolescência: a formação do sujeito e o emergir do seu protagonismo. Mais uma vez com foco na escola, Zurita Rivera verifica, depois de vinte anos de reforma educativa no México, as oportunidades de participação dos adolescentes na escola secundária pública. O balanço realizado mostra resultados bastante modestos, com a persistência de esquemas não democráticos. Diez-Martínez e Ochoa, por sua vez, colocam em tela outra dimensão do protagonismo: a orientação para o trabalho. Seus resultados mostram a necessidade de os estudantes adolescentes melhor discutirem e



analisarem suas capacidades e possibilidades do campo laboral, a fim de elaborarem projetos acadêmicos e de vida capazes de melhorar as suas condições futuras. Mais uma vez a escola, onde o adolescente passa grande parte da sua vida por obrigação legal e social, precisa responder mais satisfatoriamente às suas necessidades.

O último bloco se compõe de dois artigos sobre os adolescentes com necessidades especiais, que, segundo convenções internacionais e legislações nacionais, deve ser incluído na escola, de preferência regular. Souza e Almeida, em sua pesquisa, concluem que a maioria dos estudantes se encontrava à parte da inclusão escolar por decisão dos seus responsáveis, apesar do seu desejo em contrário, o que aponta a necessidade de buscar novas alternativas e redirecionar práticas pedagógicas oferecidas pelas unidades de educação especial. Afinal, Coelho e Bastos estudam os interessantes impactos de um jogo eletrônico educativo como instrumento de avaliação interativa no desenvolvimento cognitivo de alunos com deficiência intelectual.

Recorrendo ao lugar-comum, *last but not least*, Adriana Lira resenha o livro *Adolescência e violência: intervenções e estudos clínicos, psicossociais e educacionais*, fruto de uma ágora onde se reuniram interdisciplinarmente cientistas de vários países.

Diante da complexidade do real, os profícuos esforços dos colaboradores deste número de *Interações* iluminam áreas relevantes dos pontos de vista teórico e prático, tornando a adolescência um processo menos desconhecido. O leitor certamente observará estas faces do caleidoscópio, as cotejará, integrará, discutirá e se desafiará a superar o conhecimento disponível. No entanto, a riqueza da realidade mais uma vez se mostra inesgotável, levando-nos a uma atitude de humildade frente aos ventos dos tempos, que mudam constantemente, em ritmos variados, tanto os “objetos” quanto o próprio conhecimento. Se, no número anterior, dedicado ao tema, nos referimos na introdução à adolescência e ao feminino, citando “Menina e moça”, de Bernardim Ribeiro, no século XVI, e o Diário de Anne Frank, no século XX, passado tão pouco tempo se poderia acrescentar nova obra: a autobiografia de Malala. Em meio aos graves desencontros, situam-se como denominadores comuns, por um lado, a violência e, por outro, a busca do direito à vida, do direito a ser. Talvez nunca antes os diálogos intracivilizatórios e intercivilizatórios se fizeram tão urgentes.